

Este **Biopolíticas - Discursos, Dispositivos e Resistências** parte de um questionamento central: a biopolítica, conforme pensada por Michel Foucault e atualmente tematizada por autores tão distintos quanto Agamben, Esposito, Negri, Latour, Butler, Mbembe, é afeta às discussões sobre o discurso e a linguagem? Dito de outro modo, é legítimo pensar uma análise ao mesmo tempo da linguagem e da biopolítica?

Primeira resposta: a biopolítica, conforme pensada por Michel Foucault, aparece como conceito na condição de pertencer a uma teoria arqueogenológica, o que a implica em uma rede ao mesmo tempo discursiva e não-discursiva, sustentada pelo conceito político e semiótico de dispositivo.

Segunda resposta: as problematizações sobre a vida, na contemporaneidade, têm como pressuposto a leitura ampliada da disciplina na forma de um controle sobre a vida, nos moldes de Deleuze, naquele seu *Pós-scriptum* sobre as sociedades de controle. Nessa espécie de biopolítica ampliada, duas questões aparecem, axiais: o borrimento da fronteira entre o discursivo e o não-discursivo. Por um lado, é a assunção da modalidade discursiva como ponto-chave do governo pela vida. É sobretudo no segundo caso que a linguagem ganha espaço.

Os treze textos que aqui reunimos partem, de pontos de vista distintos e segundo a ordem da interdisciplinaridade, desse solo compartilhado e produzem uma reflexão discursiva sobre as modalidades pelas quais a vida é colocada nos jogos de poder e nos jogos com a linguagem. Em seus vertices, o movimento comum entre eles é apontar para as topologias de exceção e para a reinscrição dos corpos e dos sujeitos em formas mais ou menos livres de existência. É justamente na linguagem - aqui lida como discurso - que cisões, tensões e lutas se inscrevem, se materializam.

Atílio Butturi Junior é doutor em Linguística (UFSC, 2012) e realizou estágio pós-doutoral no IEL-UNICAMP (2014-2015, supervisionado pelo Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan) e na Universidade Nova de Lisboa (2017-2018, com bolsa CAPES, supervisionado pelo Prof. Dr. José

Luis da Câmara Leme). Atualmente, é professor da UFSC, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Linguística. Bolsista de produtividade CNPq-PQ2, é líder do Grupo de Estudos no Campo Discursivo, membro do GP A Condição Corporal (PUC-SP) e do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada, é editor-chefe da Revista *Fórum Linguístico*. É, ainda, docente permanente do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFPS.

Camila de Almeida Lara é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e bolsista de CNPQ. Mestre em Linguística (UFSC) e Especialista em Teorias Linguísticas Contemporâneas (UFPS) tem se dedicado à pesquisa em Linguística Aplicada, com ênfase nos estudos de campo discursivo notadamente aqueles referentes às discussões da biopolítica e do biopoder foucaultianos.

FABIO LOPES DA SILVA

Fabio Lopes da Silva, 52, é doutor em Linguística pela Unicamp. Desde 1994, é professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Entre

2013 e 2016, foi diretor da Editora da UFSC. É autor, com Kanavillil Rajagopalan, de *A Linguística Que Nos Faz Falhar* (Parabola, 2009) e, com Heron Moura, de *O Direito à Fala* (Insular, 2001).

DENISE AYRES D'AVILA

Denise Ayres d'Avila é psicóloga, cientista social, douतरanda em psicologia, mestre em saúde mental e atênção psicossocial, especialista em atênção à saúde da pessoa idosa, diversidade e gênero na escola. Atua há anos como psicóloga de serviço de proteção especial à famílias e indivíduos em situação de direitos violados (PAEFI) e pesquisa atualmente violência institucional promovida em discursividade das instituições de atendimentos à infância e adolescência nos casos de perda do poder familiar.



D I S P O S I T I V O S

R E S I S T Ê N C I A S



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTERDISCIPLINARIDADE EM ARTES



FABIO LOPES DA SILVA



DENISE AYRES D'AVILA

B I Ø P O L Í T I C A S :

D I S C U R S O S ,

D I S P O S I T I V Ø S 6

R E S I S T Ê N C I A S

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Butturi Junior, Atilio. / Lara, Camila de Almeida. / d'Ávila, Denise Ayres. /
Silva, Fábio Lopes da (Orgs.)

Biopolíticas – discursos, dispositivos e resistências
Atilio Butturi Junior / Camila de Almeida Lara / Denise Ayres d'Ávila /
Fábio Lopes da Silva (Orgs.)
Campinas, SP : Pontes Editores, 2019

Bibliografia.
ISBN 97885-217-0107-1

1. I. Título

Índices para catálogo sistemático:

ORG. ATILIO BUTTURI JUNIOR

CAMILA DE ALMEIDA LARA

B I Ø P O L Í T I C A S :

D I S C U R S O S ,

D I S P O S I T I V Ø S 6

R E S I S T Ê N C I A S

FÁBIO LOPES DA SILVA



DENISE AYRES D'AVILA

Copyright © 2019 - dos organizadores representantes dos colaboradores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração e Capa: Eckel Wayne
Revisão: Cibele Ferreira

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Gláis Sales Cordeiro

(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ - Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL - Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-056

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

DISCURSOS BIOPOLÍTICOS, DISCURSO E BIOPOLÍTICA: UMA APRESENTAÇÃO.....	7
Atilio Butturi Junior	
Camila de Almeida Lara	
Denise Ayres d'Ávila	
Fábio Lopes da Silva	
É A BIOPOLÍTICA UM PROBLEMA DE LINGUAGEM?	15
Atilio Butturi Junior	
INCONTÁVEIS TONS DE CINZA: UMA TENTATIVA DE LEITURA RADICAL DE PRIMO LEVI.....	33
Fábio Lopes da Silva	
ESTRATÉGIAS E MECANISMOS BIOPOLÍTICOS: O PACTO DE SEGURANÇA NO VESTIBULAR DOS POVOS INDÍGENAS NO PARANÁ.....	65
Ismara Tasso	
Luana Vitoriano-Gonçalves	
Raquel Fregadolli Gonçalves	
CORPO COMO LUGAR DA BIOPOLÍTICA OPRESSÃO OU RESISTÊNCIA?	95
Luís Antonio Bitante Fernandes	
BIOPOLÍTICA OU A LÓGICA DO “FAZER MORRER” MODERNO	119
Fábio Feltrin de Souza	
MELHORAMENTO COGNITIVO E “LIBERDADE DE ESCOLHA”	143
Fabiola Stolf Brzozowski	

CORPO, DESEJO E HOMOEROTISMO NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO.....	165
Flávio Pereira Camargo	
MOLDANDO “O BIPOLAR” - OS DISCURSOS DA PSIQUIATRIA E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS.....	191
Camila de Almeida Lara	
“SE EU NÃO INTERNAR, ELE MORRE!?”: RESISTÊNCIA, BIOPOLÍTICA E BIOPODER NA PRODUÇÃO DO ALCOOLISMO E DA INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA	223
Juliana Deboni	
NAS LINHAS DO DISPOSITIVO JURÍDICO: O ARQUIVO DO <i>CRIME</i> DE TRÁFICO DE <i>DROGAS</i> BRASILEIRO E A EMERGÊNCIA DO “SUJEITO-TRAFICANTE”	245
Marcos Massiero Kaminski	
ESTILHAS: UM ESTUDO, POR MEIO DE ANÁLISE DE DISCURSO, ACERCA DE OFÍCIOS DA REDE DE PROTEÇÃO EM TRANSBORDE COM PODER JUDICIÁRIO EM UM CASO DE PEDIDO DE PERDA DE PODER FAMILIAR.....	289
Denise Ayres d’Avila	
SUBJETIVIDADES DOENTIZADAS: O OBESO COMO ALVO BIOPOLÍTICO	311
João Marcelo Faxina	
BIOPODER E GENOCÍDIO MODERNO.....	333
Dan Stone	
Tradução: André Cechinel e Fábio Lopes da Silva	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	361
SOBRE OS AUTORES	363

DISCURSOS BIOPOLÍTICOS, DISCURSO E BIOPOLÍTICA:
UMA APRESENTAÇÃO¹

Atilio Butturi Junior
Camila de Almeida Lara
Denise Ayres d'Ávila
Fábio Lopes da Silva

Este **Biopolíticas – Discursos, Dispositivos e Resistências** parte de um questionamento central: a biopolítica, conforme pensada por Michel Foucault e atualmente tematizada por autores tão distintos quanto Agamben, Esposito, Negri, Laval, Butler, Mbembe, é afeta às discussões sobre o discurso e a linguagem? Dito de outro modo, é legítimo pensar uma análise ao mesmo tempo da linguagem e da biopolítica?

Primeira resposta: a biopolítica, conforme pensada por Michel Foucault, aparece como conceito na condição de pertencer à uma teoria arqueogenealógica, o que a implica em uma rede ao mesmo tempo discursiva e não-discursiva, sustentata pelo conceito político e semiótico de dispositivo.

Segunda resposta: as problematizações sobre a vida, na contemporaneidade, têm como pressuposto a leitura ampliada da disciplina na forma de um controle sobre a vida, nos moldes de Deleuze, naquele seu *Pós-scriptum sobre as sociedades de controle*. Nessa espécie de biopolítica ampliada, duas questões aparecem, axiais: o borramento da fronteira entre o discursivo e o não-discursivo. Por um lado, e a assunção

¹ Este livro contou com o apoio da CAPES, por meio do programa PROEX e dos recursos do Programa de Pós-Graduação em Linguística, a quem agradecemos.

da modalidade discursiva como ponto-chaves do governo pela vida. É sobretudo no segundo caso que a linguagem ganha espaço.

Os trezes textos que aqui reunimos partem, de pontos de vista distintos e segundo a ordem da interdisciplinaridade, desse solo compartilhado e produzem uma reflexão discursiva sobre as modalidades pelas quais a vida é colocada nos jogos de poder e nos jogos com a linguagem. Em seus vértices, o movimento comum entre eles é apontar para as topologias de exceção e para a reinscrição dos corpos e dos sujeitos em formas mais ou menos livres de existência. É justamente na linguagem – aqui lida como discurso – que cisões, tensões e lutas se inscrevem, se materializam.

O livro abre com o texto **É a biopolítica um problema de linguagem?**, no qual Atilio Butturi Junior evoca as relações entre o pensamento sobre a vida e o pensamento sobre a linguagem, na forma de dispositivos de exceção constitutivos.

No segundo capítulo, *Incontáveis tons de cinza: uma tentativa de leitura radical de Primo Levi*, **Fábio Lopes da Silva** articula as observações do historiador americano Timothy Snyder sobre o Holocausto a uma leitura radical da obra de Primo Levi. Resulta daí a problematização de um dos elementos formadores do conceito de biopolítica: a ideia de que (a) o extermínio dos judeus europeus é um desdobramento da dialética do Iluminismo e (b) Auschwitz é uma metonímia do Holocausto.

Estratégias e mecanismos biopolíticos: o pacto de segurança no vestibular dos povos indígenas no Paraná, terceiro dos capítulos e escrito por **Ismara Tasso, Luana Vitoriano-Gonçalves e Raquel Fregadoli Gonçalves**, materializa os discursos de exceção que têm espaço quando a língua escrita produz formas de subjetivação. As autoras refletem sobre a língua portuguesa na modalidade de um dispositivo de exclusão para o indígena. Por meio de estudo teórico analítico e subsidiado por pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa e de seus desdobramentos no Brasil, em consonância com a Linguística Aplicada e os Novos Estudos do Letramento, elas pretendem compreender as séries enunciativas extraídas das redações do IV Vestibular dos Povos Indígenas no Paraná, edição 2005, localizando potencialidades de resistência

e subjetivação a uma racionalidade de cultura outra para dela usufruir de “suporte” que o levassem a garantir sua própria identidade e espaço.

No quarto capítulo – *Corpo como lugar da biopolítica – opressão ou resistência?* – **Luís Antonio Bitante Fernandes** debate as corporalidades dissidentes, notadamente dos homossexuais masculinos, aventando os limites de produção de inscrições de resistência. O autor considera algumas formas de como a teoria e o pensamento *queer* se voltam para Foucault, em um diálogo que aborda a biopolítica como regime central das políticas sociais na modernidade, seus discursos e seus desdobramentos. Fernandes resgata ainda momentos discursivos de uma entrevista com Lady, num processo de desconstrução, que, por um lado, demonstra a ruptura da identidade dissidente assumida da identidade compulsória que a circunscreve.

Biopolítica ou a lógica do “fazer morrer” moderno, de **Fábio Feltrin de Souza**, examina a relação entre a noção de biopolítica, a guerra contra o indígena e a constituição nacional da Argentina no século XIX. Para essa empresa, o autor parte da concepção foucaultiana de biopolítica e procura cotejá-la e expandi-la com os escritos de Giorgio Agamben e a noção de necropolítica, cunhada por Achille Mbembe. A hipótese de Souza é que, ao contrário de criar ações concatenadas de preservação da vida, o Estado argentino teria criado uma política de eliminação sistemática dos indígenas, um “fazer morrer” que moldou todo discurso nacional argentino naquele século, antes de qualquer implementação de garantia sistemática das vidas que importavam. Feltrin de Souza identifica, no caso argentino, a constituição de uma máquina de morte que visou a destruição material dos corpos e populações humanos julgados como descartáveis e supérfluos - os indígenas, os gaúchos, os caudilhos, ou seja, as vidas que não mereciam viver.

Em *Melhoramento cognitivo e “liberdade de escolha”*, sexto capítulo deste livro, **Fabiola Stolf Brzozowski** argumenta que, numa sociedade liberal ou neoliberal, há uma ilusão de liberdade de escolha, um tipo de imposição para seguir determinados padrões “cientificamente comprovados”, baseado nas regras morais do autocuidado e do

discurso científico. O capítulo tem então o objetivo refletir sobre as razões e mecanismos que levam os indivíduos a fazerem uso de melhoradores cognitivos farmacológicos, utilizando como referenciais de análise as ideias de Nicolas Rose e Michel Foucault – os conceitos de governo, dispositivo e biopolítica. A autora apresenta dados sobre alguns melhoradores cognitivos para, em seguida, discutir questões éticas de seu uso. Brzozowski defende que uma suposta liberdade de escolha no uso de nootrópicos tem origem em uma nova forma de governo, vinculada a novas formas de exercício do poder e delimita esses melhoradores como uma estratégia biopolítica, na medida que seu uso ampliado estabeleceria uma nova norma com vistas a otimizar um estado de vida baseado na produtividade.

Por sua vez, em *Corpo, desejo e homoerotismo no conto brasileiro contemporâneo*, **Flávio Pereira Camargo**, questiona as representações do corpo *queer* no campo literário, advogando que ali surgem modos de dizer indicativos de modalidades de vida em cujos afectos residem resistências. Camargo propõe evidenciar alguns dos elementos constitutivos de uma subjetividade gay a partir de um recorte sobre as configurações homoeróticas presentes no conto brasileiro contemporâneo, considerando para esse propósito, dois contos de Antonio de Pádua: *Passional ao extremo*, inserido na primeira parte do livro *Sobre rapazes e homens* (2006) e *Obs-ceno*, que está na primeira parte de *Abjetos: desejos* (2010).

Camila de Almeida Lara, no sétimo capítulo – *Moldando “o bipolar” – os discursos da psiquiatria e a produção de sujeitos* –, objetiva analisar o horizonte epistemológico e ontológico dentro do qual um surge um tipo específico de sujeito: o bipolar. Para tanto, parte das discussões sobre a produção de modos de subjetivação específicos, a normatização da vida, a governamentalização e a biopolítica e analisa artigos médico-psiquiátricos e também algumas das versões do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM). A partir das análises, a autora aponta que o grande obstáculo Psiquiatria contemporânea, parece ser a questão nosográfica da doença bipolar. Ou seja, uma doença “inclassificável”, que demanda cada vez mais esforços e

critérios diagnósticos rígidos para que possa figurar dentro de um quadro específico o que acaba por colocar um grande número de sujeitos sobre as práticas de vigilância e suspeição.

“Se eu não internar, ele morre!?”: resistência, biopolítica e biopoder na produção do alcoolismo e da internação compulsória, de **Juliana Deboni**, é um estudo sobre as implicações do dispositivo da segurança nas subjetividades dos alcoolistas, submetidos à inscrição dos laudos médico-jurídicos e de seus efeitos tanatopolíticos. Diante disso, Deboni descreve as relações de controle e resistência construídas a partir dos discursos profissionais nas indicações de internações compulsórias, realizadas pelo CAPSad, no município de Erechim, interior do Rio Grande do Sul, de 01 de janeiro de 2010 até 31 de dezembro de 2016. A autora observando não apenas a confluência dos diversos jogos de poder e resistência dos profissionais e suas respectivas tomadas de decisão sobre a indicação ou não da necessidade do tratamento hospitalar coercitivo, mas atenta para a existência ou não de transformação na dinâmica dos critérios norteadores das decisões de internação hospitalar, que corroboram estrategicamente (ou não) para a ascensão do discurso desinstitucionalizante da reforma psiquiátrica brasileira

O texto seguinte, *Nas linhas do dispositivo jurídico: o arquivo do crime de tráfico de drogas brasileiro e a emergência do “sujeito-traficante”*, de **Marcos Massiero Kaminski**, volta-se para a produção da delinquência no Brasil, num itinerário médico-jurídico que assambranca cerca de oitenta anos. Kaminski busca, a partir da problemática da criminalização e suas categorias, tornar visível elementos da mecânica e dos efeitos de um poder “ubuesco”, que se materializa no discurso jurídico-legal de *drogas*. O autor mostra como O *crime* do tráfico de drogas situa-se no âmbito da “*gestão dos ilegalismos*” havendo necessidade, portanto, de se desconstruir o discurso de verdade existente através da lei criminal de *drogas*. Kaminski ainda persegue o discurso jurídico-legal do tráfico de *drogas* e o processo de constituição dos “sujeito-traficantes” no Brasil, mais detidamente na segunda metade do século XX, período em que a política criminal se deslocou incorporando a “guerra às drogas” à lei brasileira, provocando alterações substanciais nas práticas disciplina-

res e biopolíticas e na sua relação com a construção das subjetividades envolvidas nessa trama.

Indo adiante, o capítulo *Estilhas: um estudo, por meio de análise de discurso, acerca de ofícios da rede de proteção em transborde com poder judiciário em um caso de pedido de perda de poder familiar*, de **Denise Ayres d'Ávila**, reflete sobre as relações entre a proteção e o controle, tendo em vista a precariedade das vidas daqueles que estão submetidos aos dispositivos de fazer viver. D'Ávila apresenta uma discussão, por meio de análise do discurso, acerca do material de interlocução presente em arquivo e gerado pela rede de proteção social. Para isso, a autora tem como norte o pensamento foucaultiano e sua arqueogenealogia observando as estratégias e táticas de produzir verdades sobre as vidas acompanhadas. O trabalho é embasado por leituras teóricas de autores preocupados com as chamadas vidas precarizadas, ou vidas passíveis de luto, e a eleição de uma família acompanhada para estudo das práticas de produção discursiva.

Subjetividades doentizadas: o obeso como alvo biopolítico, de **João Marcelo Faxina**, é um texto sobre os corpos e seus limites. Baseado em pesquisa de campo, o capítulo descreve o jogo entre os saberes sobre a vida e o corpo, ubuescos, e as modalidades de vida, que resistem. Faxina reflete como uma iniciativa estatal – o programa *Vida e Saúde* – retoma e reescreve localmente os discursos sobre o corpo obeso, sobretudo em sua relação com concepções de saúde e normalidade correntes, inserindo a preocupação com a obesidade em dispositivos de saúde já existentes e fazendo circular processos de doentização sobre os sujeitos por ela apreendidos. Partindo da premissa arqueogenealógica, o autor segue o panorama no qual a obesidade é tematizada no dispositivo *Vida e Saúde* tendo em conta delimitações caras ao projeto global de uma biopolítica, a saber, aquelas que instituem o que é normal/saudável e aquilo que, em contrapartida, é repetidamente relacionado à doença e a seu universo.

Fecha o livro a **tradução** de *André Cechinel* e *Fábio Lopes da Silva* do texto *Biopoder e genocídio moderno*, do professor **Dan Stone**, da Universidade de Londres. Stone recorre à sua longa experiência como

historiador do Holocausto para relativizar a ideia de que o extermínio dos judeus europeus pelo nazismo possa, sem mais, ser reduzido à biopolítica. Para ele, se é verdade que o Holocausto atualiza um projeto massivo “de reordenamento do mundo”, é também verdade que sua consecução mobilizou “crenças em muitos casos não inteiramente compatíveis com a contabilidade burocrática”.

Apresentados os trezes escritos, esperamos que a leitura possa provocar tanto o desconforto diante das inflexões cada vez mais perigosas da exceção biopolítica quanto o apelo para pensar os encontros entre vida e linguagem, dispositivos e soberania, biopolítica e discurso.